

O BRINCAR COMO ELEMENTO TERAPÊUTICO E COGNITIVO DA CRIANÇA HOSPITALIZADA

Grazieli Brambila Queiroz¹
Aparecida Meire CalegariFalco²

Resumo: O presente artigo tem por finalidade discutir e analisar a contribuição do brincar para o desenvolvimento da criança hospitalizada, paralelo com a Pedagogia Hospitalar. O problema que norteou essa pesquisa é saber qual a importância do brincar enquanto elemento terapêutico e cognitivo da criança que encontra-se hospitalizada. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e participativa com o olhar voltado para os aspectos, legal e pedagógico, resultando em apontamentos sobre a pedagogia hospitalar com base na teoria Histórico Cultural. O projeto de extensão junto à criança hospitalizada vivencia a teoria na prática cotidiana acerca da importância do brincar, focando o brincar para a criança hospitalizada. Uma das atividades essenciais para o desenvolvimento físico, emocional e social da criança é o brincar. Mesmo sendo importante, essa atividade durante o processo de hospitalização é pouco valorizada nos hospitais com pediatria devido à falta o espaço denominado brinquedoteca. O brincar ajuda não somente a criança no momento de hospitalização, mas também na liberação de tensões, temores e ansiedade. A partir dessa perspectiva, o presente estudo pontua diferentes e importantes formas para a promoção das brincadeiras no espaço da hospitalização.

Palavras-chave: Criança; Hospitalizada; Brincar; Brinquedoteca.

PLAYING AS A THERAPEUTIC AND COGNITIVE ELEMENT OF THE HOSPITALIZED CHILD

Abstract: The purpose of this article is to discuss and analyze the contribution of playing to the development of the hospitalized child, parallel to the Hospital Pedagogy. The problem that guided this research is to know the importance of playing as a therapeutic and cognitive element of the child who is hospitalized. It is a bibliographical and participatory research with a focus on the aspects, legal and pedagogical, resulting in notes on hospital pedagogy based on the Cultural Historical theory. The extension project with the hospitalized child experiences the theory in daily practice about the importance of playing, focusing on the play for the hospitalized child. One of the essential activities for the physical, emotional and social development of the child is play. Although important, this activity during the hospitalization process is little valued in hospitals with pediatrics due to lack of space called toy library. Play helps not only the child at

¹ Graduanda de Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá – UEM.
grazy_eli@hotmail.com

² Professora do Departamento de Teoria e Prática da Educação – UEM.
ameirecalegari@uol.com.br

the time of hospitalization, but also the release of tensions, fears and anxiety. From this perspective, the present study points out different and important ways to promote play in the space of hospitalization.

Keywords: Child; Hospitalized; Play; Toys.

Introdução

Introdução

A hospitalização infantil tem se tornado campo de pesquisa e atuação de vários profissionais que buscam a promover bem estar e aprendizagem à criança hospitalizada. Mesmo em situação de adoecimento, a criança continua se desenvolvendo e se torna imprescindível, ações que permita a ela elaborar os efeitos negativos decorrente da hospitalização. A finalidade principal do atendimento pedagógico hospitalar é contribuir para a melhora geral do ser humano, a medida que o indivíduo tem a oportunidade de passar da situação de objeto para sujeito, uma vez que pode interagir nas atividades pedagógicas propostas, quando antes era apenas mero espectador em seu leito hospitalar. (QUEIROZ; MARCHI; CALEGARI-FALCO, 2013).

As intervenções pedagógicas que são efetivadas por meio de atividades lúdicas, jogos e brincadeiras, possibilitam benefícios positivos. Constitui-se de atividades que se propõem ao entretenimento no seu sentido mais profundo, proporcionando alegria, distração, relaxamento das tensões, e fomentando o convívio amável e amistoso entre as crianças hospitalizadas.

O projeto de extensão Intervenção Pedagógica junto à criança Hospitalizada é desenvolvido na ala pediátrica do Hospital Universitário Regional de Maringá-PR. Com a participação de acadêmicos(as) de vários cursos de licenciatura, dentre eles, destaca-se o de Pedagogia.

A criança é o centro do projeto, são atendidas crianças com faixas etárias de 1 ano até 13 anos de idade, portanto, é preciso elaborar um planejamento para cada dia de atuação onde aplicamos o mesmo para todos, sendo preciso flexibilizar quando necessário, é bastante incerto a quantidade e idade das crianças atendidas pelo projeto.

Quando a criança é convidada para as atividades, é exposto o

planejamento do dia e ela tem a opções de escolha, caso não aceite as atividades do planejamento, que varia entre, músicas - cantigas, pintar, desenhar, jogar, assistir, criar, imaginar, em geral, brincar e assim, deixamos a escolha dela, exemplo, brincar com carrinho, boneca, quebra cabeça, jogo da memória, peças de montar e dentre outros.

É de grande importância a intervenção do pedagogo no ambiente hospitalar. Sua mediação neste contexto é imprescindível, para que o processo de desenvolvimento da criança não seja interrompido, quer esteja ele em idade escolar ou não. É possível dizer que o brinquedo estimula a imaginação que é um modo de funcionamento psicológico especificamente humano. Por meio do brinquedo a criança aprende a atuar numa esfera cognitiva que depende de motivações internas. A criança brinca pela necessidade de agir em relação ao mundo, e o faz de maneira superior ao nível em que se encontra. Pautado na teoria de Vygotsky, a autora Calegari (2003) destaca:

Na teoria vygotskyana, os pressupostos de contínua interação entre as condições sociais e biológicas que vão construir o comportamento humano é muito presente, uma vez que considera que é a partir das estruturas orgânicas elementares em processo de maturação é que vão se formando as funções mentais mais complexas, sendo as interações sociais que regula o comportamento da criança e seu desenvolvimento mental. (Calegari, 2003 p. 54).

São as interações sociais é precisa e fundamental, pois além de ajudar no desenvolvimento físico e mental, também ajuda a criança no momento de internação, adoecimento e conseqüentemente a sua retirada de convívio do seu dia a dia “normal”.

1. O Surgimento da pedagogia hospitalar no Brasil

Para compreender o surgimento da pedagogia hospitalar no Brasil, a autora Tavares (2011) cita a pesquisa da autora Schilke (2008):

Schilke [...] esclarece o surgimento da Pedagogia Hospitalar, relatando que no Brasil as primeiras notícias que se tinham

sobre aulas para crianças internadas foram no ano de 1950, no Rio de Janeiro, Hospital Municipal de Jesus, porém não tinha vinculação alguma com a Secretaria de Educação.(SCHILKE, 2008 apud TAVARES,2011, p. 14).

Na época foi observada pelos profissionais da saúde, a necessidade das ações educativas e cognitivas para as crianças internadas por períodos longos. Porém somente em 2002 o Ministério da Educação com a ajuda e meio da Secretaria da Educação Especial é que regularizou publicando um documento com o nome “Classe Hospitalar e Atendimentos pedagógicos domiciliar; estratégias e orientações.” O objetivo desse trabalho, era estruturar ações políticas para a organização dos atendimentos educacionais nos hospitais e nas casas. A autora Tavares (2011) ainda cita Schilke (2008) sobre o surgimento da pedagogia hospitalar no país:

[...] no ano de 1960, o Hospital Barata Ribeiro no Estado do Rio de Janeiro implementou as aulas para crianças hospitalizadas, contando com uma professora específica. Foi também neste ano que os profissionais que dirigiam os dois Hospitais buscaram junto a Secretaria de Educação a regulamentação da Pedagogia Hospitalar, porém o reconhecimento de modalidade educacional veio apenas em 2002. (TAVARES, 2011, p. 14).

A Pedagogia Hospitalar nada mais é do que um conjunto de ações pedagógicas com o objetivo e o intuito de beneficiar o aprendizado das crianças/aluno/paciente; uma modalidade agregada na outra. Já na “classe hospitalar”, é o acompanhamento didático da criança hospitalizada, uma vez que essa não venha sofrer atrasos no ensino regular e conseqüentemente atrasos cognitivos devido o momento de internação. Importante ressaltar que não está na legislação educacional brasileira o termo Pedagogia Hospitalar, mas sim, Classe Hospitalar.

A preocupação com a criança hospitalizada culminou na elaboração da Lei nº 11.104, de 21 de Março de 2005, que dispõe sobre a obrigatoriedade da instalação de brinquedoteca nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. Na mesma lei, em seu Art. 2º é disposto que: “Considera-se brinquedoteca, para os efeitos desta Lei, o espaço provido de brinquedos e jogos educativos, destinado a estimular as crianças e seus

acompanhantes a brincar”. Pode-se verificar que, segundo a legislação, o espaço é estendido aos acompanhantes também, já que a hospitalização traz reclusão para os familiares e/ou acompanhantes (normalmente os pais). O brincar neste espaço tem como função principal aliviar o stress causado pela hospitalização, como nos aponta Calegari (2003):

Outra possibilidade de intervenção pedagógica em ambiente hospitalar, com crianças que ainda não se encontram em idade escolar, é o planejamento atividades lúdicas, que além de propiciar o alívio do estresse causado pela doença e a hospitalização, propicia sem dúvida o desenvolvimento infantil. (CALEGARI, 2003, p. 66).

Não há como negar que são estabelecidas relações importantes entre o corpo e a mente, entre emoção e o sintoma físico, portanto, as experiências vividas no hospital podem contribuir favoravelmente ou não na recuperação e bem-estar da criança hospitalizada.

Outra lei que pontuamos de relevância para a temática é do Estatuto da Criança e do Adolescente – LEI nº 8.069/90, afirma os direitos dos mesmos nos Artigos 3º e 4º:

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, ECA 1990. Art. 3º e 4º).

Desta maneira, tanto a criança quanto o adolescente, ambos tem seus direitos pautados em Leis, sejam eles no âmbito escolar, hospitalares ou convívio social.

2. Projeto de extensão Pedagogia Hospitalar – UEM

Atualmente o Projeto de Extensão Intervenção Pedagógica junto à Criança Hospitalizada, desenvolve suas atividades na brinquedoteca da pediatria do Hospital Universitário Regional de Maringá (HUM). Como dispõe o Art. 1º da Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005 “Os hospitais que ofereçam atendimento pediátrico contarão, obrigatoriamente, com brinquedotecas nas suas dependências.”

O projeto foi iniciado em 2006, efetivamente, atendendo em média 450 crianças por ano, e tem por finalidade compreender de que forma a atuação do pedagogo no ambiente hospitalar contribui para o bem-estar da criança, que privada das intervenções sociais próprias da infância, pode ter seu desenvolvimento comprometido, principalmente em casos de doenças graves ou crônicas, com reinternações constantes. Propiciando a criança o alívio diante de um ambiente potencialmente tenso e doloroso, que normalmente é constituído o hospital. Assim como cita Queiroz, Marchi e Calegari-Falco (2013) uma das finalidades do projeto é:

[...] compreender de que forma a atuação do pedagogo no ambiente hospitalar contribui para o bem estar da criança, que privada das intervenções sociais próprias da infância, pode ter seu desenvolvimento comprometido, principalmente em casos de doenças graves ou crônicas, com reinternações constantes. Propiciando a criança o alívio diante de um ambiente potencialmente tenso e doloroso, que normalmente é constituído o hospital. (QUEIROZ; MARCHI; CALEGARI-FALCO, 2013, n.p.).

Um dos objetivos do projeto está pautado na possibilidade de oportunizar subsídios teóricos/práticos aos acadêmicos para que possam intervir positivamente no processo de desenvolvimento de crianças hospitalizadas no HUM; ampliar as perspectivas de atuação enquanto futuros profissionais, possibilitando a reflexão sobre o processo educativo em diferentes situações; criar fonte de pesquisa na área educacional; intervir pedagogicamente junto à criança, de modo a diminuir o impacto da hospitalização, uma vez que a mesma é afastada de seu convívio social; minimizar possíveis perdas ou atrasos no desenvolvimento da criança, como

consequência da hospitalização; oferecer estímulos e atenção pedagógica para pacientes em idade escolar e por fim, proporcionar à criança hospitalizada a vivência do brincar como instrumento de relaxamento de tensões.

As intervenções pedagógicas contribuem muito para as crianças o ressignificado do hospital, com suas práticas e mesmo aliviando o medo e a insegurança que o hospital impõe. Conforme relatam Queiroz, Marchi e Calegari-Falco (2013):

A experiência vivenciada no Projeto de Extensão Intervenção Pedagógica junto à Criança Hospitalizada, desenvolvido no Hospital Universitário Regional de Maringá, contribuiu de maneira ímpar na minha formação enquanto acadêmica do Curso de Pedagogia, uma vez que me proporcionou ter vivências singulares e enriquecedoras em um campo de atuação distante daquele que tradicionalmente somos formados: a escola. O hospital possui dinâmicas, regras e ordenamentos próprios de uma instituição de saúde. (QUEIROZ; MARCHI; CALEGARI-FALCO, 2013, n.p.).

Existe também o reconhecimento quanto à importância da atuação de profissionais, levando em conta a pessoa, mas a criança em especial como um ser em pleno desenvolvimento e integral, que além de sua enfermidade, não precisa “parar” sua vida por completo.

3. A importância do brincar

Lev Semyonovich Vygotsky foi um psicólogo e pesquisador muito importante em sua área e época. Também pioneiro no conceito desenvolvimento da aprendizagem das crianças e do papel das relações sociais levando sempre em conta a individualidade de cada sujeito, na qual está focado no meio cultural que o define. Para ele, o homem constitui-se enquanto ser social e assim, necessitando do seu próximo para desenvolver-se.

Vygotsky (1998, p. 137) afirma: “A essência do brinquedo é a criação de uma nova relação entre o campo do significado e o campo da percepção visual, ou seja, entre situações no pensamento e situações reais”. Essas relações irão permear toda a atividade lúdica da criança. A atividade lúdica é importante no

desenvolvimento da criança, pois influencia a sua forma de olhar o mundo e suas ações futuras e transfigura uma proposta no processo ensino-aprendizagem para com as dificuldades encontradas.

A brincadeira tem uma influência no desenvolvimento infantil e é característica da infância, uma vez que trás vantagens para a constituição da criança e uma capacitação de experiências que irão contribuir para o desenvolvimento do seu futuro. Ela está relacionada com a aprendizagem. Brincar é aprender, pois a brincadeira permitirá à criança aprender a base mais elaborada.

Durante as brincadeiras, a imaginação se faz presente e essa é um processo psicológico novo para a criança. Para Vygotsky (1998), a imaginação surge da ação. Sendo assim, o brincar da criança é a imaginação em ação. O autor destaca o papel que o brinquedo desempenha, pois ajuda a desenvolver uma diferenciação entre a ação e o significado para a criança. Tanto a imaginação quanto a fantasia, ambas estão ligadas ao irreal, porém não existe obstáculo entre a fantasia e a realidade. A autora Cerisara (2002) cita Vygotsky:

[...] a realidade assume um papel junto ao mecanismo psicológico da imaginação e da atividade criadora que com ela se relaciona, e este mecanismo pode ser melhor compreendido a partir das diferentes formas de vinculação existentes entre a fantasia e o real na conduta humana. (CERISARA, 2002, p. 126).

Cerisara (2002), afirma que dentre as formas de vinculação, uma delas é que a base da criação é a realidade, a outra é que a experiência se apoia na imaginação. Sendo assim, Vygotsky postula que o que move a criação humana é o sentimento e pensamento.

Ao brincar, a criança tem a capacidade de separar pensamento de objetos, e assim a ação não surge das coisas, mas sim de várias ideias. Um exemplo é de uma peça de lego se tornar um celular. Representando na maturidade da criança uma grande evolução. Portanto o brinquedo fornece a mudança entre a ação da criança com objetos e as suas ações com significados.

Sabe-se que uma atividade lúdica ou uma atividade criativa, essas

surtem pela cultura e assim são mediadas por uma pessoa na qual a criança se relaciona. Configura-se, portanto a importância enquanto pais, professores, estagiários, e profissional, pessoas em geral com o contato direto ou indireto com a criança.

De uma forma geral, as normas de comportamento estão ligadas a situação imaginária de qualquer brincar, desta forma, é impossível existir brincadeiras sem regras, pois o brincar está envolvido em regras da sociedade. Um exemplo: a criança imagina-se como mãe de outra criança; nesse brincar essa “outra criança” irá obedecer às regras do comportamento maternal. Sendo assim, a criança representa a relação dela com o objeto sempre seguindo, ditando ou cumprindo regras.

A brincadeira é de grande relevância para o desenvolvimento da criança; sendo ela, uma atividade própria da fase infantil na qual merece atenção e jamais deve ser esquecido, muito pelo contrário, deve ser estimulado, uma vez que é responsável pelo auxílio nas evoluções psíquicas. Os estudos de Vygotsky contribuíram muito para a construção de conhecimentos acerca do desenvolvimento infantil e para as noções de brinquedo nesse desenvolvimento. Trabalhando com a noção de que o brincar satisfaz certas necessidades da criança e que essas necessidades são distintas em cada fase da criança, pois vão mudando no decorrer de sua maturação. Segundo Vygotsky (1984):

A maturação das necessidades é um tópico predominante nessa discussão, pois é impossível ignorar que a criança satisfaz certas necessidades no brinquedo. Se não entendemos o caráter especial dessas necessidades, não podemos entender a singularidade do brinquedo como uma forma de atividade. (VYGOTSKY, 1984, p. 62).

Sendo assim, o brincar toma novos rumos, modificando-se, também, para atender às novas necessidades que vão surgindo no contexto da criança. O crescimento da criança vai afirmar que, por meio do brinquedo, ela liberta seu pensamento para que não fique literalmente ligada aos estímulos perceptuais. Ela consegue imaginar uma situação, desligando-se do mundo material, concreto do qual tem contato, desenvolvendo assim capacidade de se desprender do real significado do objeto, (da madeira, por exemplo), podendo

imaginá-lo como um boneco. Nesse momento, o pedaço de madeira passa a ter outro sentido, indo além do seu aspecto e significado concreto.

A relação entre o desenvolvimento, o brincar e a mediação são primordiais para a construção de novas aprendizagens. Existe uma estreita vinculação entre as atividades lúdicas e as funções psíquicas superiores, assim pode-se afirmar a sua relevância sócio-cognitiva para a educação infantil, conforme descreve Vygotsky (1984):

É no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, ao invés de numa esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas, e não dos incentivos fornecidos pelos objetos externos. (VYGOTSKY, 1984, p. 64).

As atividades lúdicas podem ser o melhor caminho de interação entre os adultos e as crianças e entre as crianças entre si para gerar novas formas de desenvolvimento e de reconstrução de conhecimento.

4. O brincar na brinquedoteca

A Brinquedoteca Hospitalar tem vários objetivos e dentre eles estão, a distração e, o relaxamento das crianças e de seus acompanhantes, socializar a saúde e promover o lúdico, assim como a finalidade principal do atendimento pedagógico hospitalar na brinquedoteca é contribuir para a melhora geral do ser humano, além de ajudar a minimizar os efeitos do tratamento e das doenças, valorizando a saúde, a cidadania, o brincar e à medida que o indivíduo tem a oportunidade de passar da situação de objeto para sujeito, uma vez que podem interagir nas atividades, jogos, brincadeiras e é claro, a aprendizagem e afeto, conforme destaca Ceccim e Ferla (2008):

Como a aprendizagem não é uma operação intelectual de acumulação de informações, mas inclui afetos e supõe atividade dos atores envolvidos, estabelece o enfrentamento de um modo já estabelecido de ver o mundo com outro que é apresentado a partir das (novas) informações. (CECCIM; FERLA, 2008, p. 8).

O atendimento pedagógico hospitalar tem como principal finalidade ajudar na contribuição do desenvolvimento da criança, para que assim como

ser humano, ela melhora no geral com oportunidades de interagir com as propostas de atividades pedagógicas e passando pela situação de objeto para sujeito que antes era um simples presente no leito do hospital. (QUEIROZ; MARCHI; CALEGARI-FALCO, 2013).

As atividades com brinquedos, as brincadeiras e jogos, supõem um fim educativo. Essas atividades propõem ao entretenimento no seu sentido mais profundo, proporcionando distração, alegria, relaxamento das tensões, e desenvolvendo o convívio amistoso e amável entre as crianças hospitalizadas, pois é um ambiente onde a criança terá contato com outras crianças também hospitalizadas, e assim, a socialização se dá por meio das atividades propostas, sendo elas no individual ou em grupo, como nos aponta Calegari (2003):

O brinquedo estimula a imaginação que é um modo de funcionamento psicológico especificamente humano. Através do brinquedo a criança aprende a atuar numa esfera cognitiva que depende de motivações internas. A criança brinca pela necessidade de agir em relação ao mundo, e o faz de maneira superior ao nível em que se encontra. (CALEGARI, 2003, p. 66).

Mesmo com a angústia de estar doente e a insatisfação com as regras e características do ambiente hospitalar, os momentos de jogos, brincadeiras e distrações, preservam além da saúde física também da saúde emocional, uma vez que a criança fica fragilizada ao se deparar com a retirada de seu ambiente, afastada de amigos, família, brinquedos, escola, podendo ter danos cognitivos, físicos e afetivos.

Brincar é um meio saudável de movimento e expressão, na qual possibilita a fantasia e a imaginação. Os problemas encontrados nas brincadeiras e jogos servem para ajudar a criança na forma de como ela enfrentará os problemas reais, conforme afirma Vygotsky (1984):

Definir o brinquedo como uma atividade que dá prazer à criança é incorreto por duas razões. Primeiro muitas atividades dão à criança experiências de prazer muito mais intensas do que o brinquedo, como por exemplo, chupar chupeta, mesmo que a criança não se sacie. E, segundo, existem jogos nos

quais a própria atividade não é agradável, como por exemplo, predominantemente no fim da idade pré-escolar, jogos que só dão prazer à criança se ela considera o resultado interessante. (VYGOTSKY, 1984, p. 61).

Quando se trata de jogos, a criança tanto pode ganhar como pode perder enquanto se brinca e por vezes vem o desprazer quando o resultado é negativo. Normalmente o jogar com regras, começa no fim da idade pré-escolar e durante a idade escolar é que ela se desenvolve. Ou seja, o brincar e o jogo são prazerosos em partes, porém, contribui para que a criança encare as realidades da vida na qual nem tudo é ganho, nem tudo é vitória e positividade. Por outro lado, sobre o brincar, a autora Cerisara (2002) afirma:

A evolução da brincadeira na criança se delinea, segundo Vygotsky, pelo desenvolvimento a partir de jogos em que há uma situação imaginária às claras e regras ocultas, para jogos com regras às claras e uma situação imaginária oculta. (CERISARA, 2002, p. 130).

Ao brincar, a criança desenvolve a capacidade através de estímulos, convívio social, imaginações até mesmo ocultas e jogos, pois ela não nasce sabendo brincar. É importante salientar, que mesmo em situação de adoecimento, a criança continua se desenvolvendo e se torna imprescindível, ações que permita a ela elaborar os efeitos negativos decorrente da hospitalização. Conforme cita Pimenta (2002): Nos hospitais [...] os doentes podem, através da brincadeira e da criação artística, alcançar um resultado terapêutico mais satisfatório. (PIMENTA, 2002 p. 44).

Aos que se refere especificamente a criança hospitalizada, tais questões passam a demandar um olhar mais atencioso, tendo em vista sua condição e necessidades primordiais, uma vez que se encontra em pleno desenvolvimento, e a hospitalização pode prejudicar as interações tão necessárias e fundamentais para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo, e a relação com a educação.

A criança ao ser hospitalizada, junto com sua família e os profissionais de saúde, ela está sobre uma “ameaça a seu bem-estar físico e emocional”. As

relações entre o corpo e a mente, entre emoção e o sintoma físico, são de extrema importância, portanto as experiências vividas no hospital podem contribuir positivamente ou não na recuperação e bem estar da criança hospitalizada.

Das intervenções pedagógicas sejam elas apresentadas de diversas formas (interação com os acompanhantes, os bebês, filmes/desenhos, jogos, dramatizações, contação de histórias (imaginação), pinturas tanto de giz de cera, lápis e tintas ou brincadeiras livres) é sempre ajudar a criança enferma hospitalizada para que mesmo vivendo um período difícil, consiga continuar desenvolvendo-se em todos os aspectos, com maior normalidade possível. Se tratando de intervenções, Calegari (2003) destaca:

Outra possibilidade de intervenção pedagógica em ambiente hospitalar, com crianças que ainda não se encontram em idade escolar, é o planejamento atividades lúdicas, que além de propiciar o alívio do estresse causado pela doença e a hospitalização, propicia sem dúvida o desenvolvimento infantil. (CALEGARI, 2003, p. 66).

Dentre as inúmeras atividades, a do brincar, transpassa a infância de tal maneira que qualquer que seja o contexto sócio-histórico, a criança jamais deixa de brincar. Conforme Cerisara (2002, p. 130) a atividade é além de uma atividade psicológica, na qual se compreender o jogo dentro da perspectiva sócio-histórica, sendo considerado atividade humana com base no contexto sociocultural na qual a criança recria a realidade através de sistemas simbólicos próprios. Portanto ela é além de uma atividade psicológica, também uma atividade cultural.

Segundo Calegari-Falco (2010, p. 77) a Pedagogia Hospitalar tem que estar ligada diretamente com a vida e a sua saúde da criança e do adolescente com a maior instrução e aprendizagem para o seu bem estar, porém não pode ser a principal transmissão de conhecimentos formalizado e identificado como uma simples instrução. Ela é importante, mas não a área principal.

Considerações Finais

Consideramos o hospital um lugar de tristezas, sofrimentos e medos para com os pacientes/crianças. É nesse sentido de oferecer atividades lúdicas, o brincar, a descontração pode tentar amenizar os efeitos negativos da doença e desse momento de desconforto, favorecendo um “retorno ao convívio anterior”, ao seu cotidiano. Pensando sempre no bem-estar da criança e no intuito de favorecer o seu desenvolvimento positivo.

O brincar é uma das atividades essenciais para o desenvolvimento emocional, físico e social da criança. Chegou-se à conclusão de que no contexto da hospitalização infantil o brinquedo assegura a continuidade do desenvolvimento da criança, podendo apreender o sentido das vivências por meio da dramatização e do brincar.

Observamos que o brincar na infância assim como na hospitalização infantil, ambos podem facilitar a continuidade da experiência de vida do sujeito. O brincar no ambiente da brinquedoteca, também é um espaço social na qual essa criança se insere durante a internação. Dessa forma, é preciso olhar para além da essência física e psíquica da doença, buscando seus significados próximos, registrado numa ordem cultural.

No que se referem ao brincar, as crianças demonstraram interesse e construíram dramatizações com os personagens infantis, evidenciando as dificuldades enfrentadas para cada tipo de tratamento ou procedimento médico. O brincar contribui para o desenvolvimento integral da criança, sendo assim, necessário valorizar a ampliação e aplicação desse modo nos ambientes de saúde. O que possibilita evidenciar a ação terapêutica das intervenções lúdicas são os benefícios do brincar para a recuperação da criança e a avaliação positiva de acompanhantes e equipe de saúde.

Entendemos e sabemos que não existem receitas prontas de como lidar com todas as doenças deparadas, porém uma coisa é certa, ao brincar e estimular as crianças nos momentos de internação, dor e medo, está contribuindo de forma positiva para que as mesmas e seus acompanhantes tenham uma vida mais criativa, leve, livre, feliz e conseqüentemente, adquirindo também diversas aprendizagens.

Por fim, recomenda-se a continuidade das pesquisas para os estudos na área da pedagogia hospitalar, visando analisar questões referentes à

inserção do brincar no hospital e o espaço chamado brinquedoteca. E que o lúdico nos contagie para todo o sempre.

Referências

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF.

BRASIL. **LEI Nº 11.104, DE 21 DE MARÇO DE 2005**. Diário Oficial da União – Sessão 1 – 22/03/2005, Página 1 (Publicação original). Brasília, DF. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2005/lei-11104-21-marco-2005-536146-publicacaooriginal-26364-pl.html>>.

CALEGARI, Aparecida Meire. **As inter-relações entre educação e saúde: implicações do trabalho pedagógico no contexto hospitalar**. Dissertação (Pós-Graduação em Educação) – Universidade Estadual de Maringá (UEM), 2003. 141 p. Disponível em: <<http://www.ppe.uem.br/SITE%20PPE%202010/teses/2010-Aparecida-Meire.pdf>>.

CALEGARI-FALCO, Aparecida Meire. **O processo de formação do pedagogo para a atuação em espaços não- escolares: em questão a pedagogia hospitalar**. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Maringá (UEM), 2010. 245 p. Disponível em: <<http://www.ppe.uem.br/SITE%20PPE%202010/teses/2010-Aparecida-Meire.pdf>>.

CECCIM, Ricardo Burg; FERLA, Alcindo Antônio. Educação e saúde: ensino e cidadania como travessia de fronteiras. **Trab. Educ. Saúde**, v. 6 n. 3, p. 443-456, nov.2008/fev.2009. Disponível em: <<http://www.revista.epsjv.fiocruz.br/upload/revistas/r219.pdf>>.

CERISARA, Ana Beatriz. De como o Papai do Céu, o Coelho da Páscoa, os Anjos e o Papai Noel foram viver juntos no céu!. In: KISHIMOTO,

TizukoMorchida (Org). **O Brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002. p. 123-138.

PIMENTA, Arlindo C. **Sonhar, Brincar, Criar, Interpretar**. São Paulo: Editora Ática S. A., 1986.

QUEIROZ, Grazieli Brambila. MARCHI, Matheus Gustavo Altoé. CALEGARI-FALCO, Aparecida Meire. Vivências no projeto de extensão intervenção pedagógica junto à criança hospitalizada. **Semana da Pedagogia/encontro de Pesquisa em Educação / Jornada Parfor.XX, VIII, I**. Universidade Estadual de Maringá, 2013. Disponível em: <<http://www.ppe.uem.br/semanadepedagogia/2013/PDF/T-02/51.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

TAVARES, Bruna Feijó. **A pedagogia no espaço hospitalar: contribuições pedagógicas a um ambiente de renovação e aprendizagem**. Trabalho de conclusão de curso. Centro Universitário Municipal de São José – USJ. 2011. Disponível em: <https://usj.edu.br/wp-content/uploads/2015/08/TCC_Pronto.pdf>.

VYGOTSKY, L. S. **Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/vygotsky-a-formac3a7c3a3o-social-da-mente.pdf>>.

VYGOTSKY, L.S. ; LURIA, A. R. ; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. Disponível em:<<https://www.unifal-mg.edu.br/humanizacao/wp-content/uploads/sites/14/2017/04/VIGOTSKI-Lev-Semenovitch-Linguagem-Desenvolvimento-e-Aprendizagem.pdf>>.

ANEXOS



Autoria própria. Hospital Universitário de Maringá – HUM. 2013



Autoria própria. Hospital Universitário de Maringá – HUM. 2013



Autoria própria. Hospital Universitário de Maringá – HUM. 2013



Autoria própria. Hospital Universitário de Maringá – HUM. 2013



Autoria própria. Hospital Universitário de Maringá – HUM. 2013



Autoria própria. Hospital Universitário de Maringá – HUM. 2018



Autoria própria. Hospital Universitário de Maringá – HUM. 2018



Autoria própria. Hospital Universitário de Maringá – HUM. 2018



Autoria própria. Hospital Universitário de Maringá – HUM. 2018